

difícil relacionamento cultural de dois mundos tão diferentes, relacionamento marcado por frequentes conflitos, por um persistente esforço de aculturação por parte dos jesuítas, e por um jogo de influências recíprocas.

Este é um livro de leitura não só intelectualmente proveitosa e estimulante, mas também agradável: um discurso predominantemente narrativo estruturado de forma clara e linear; um estilo fluente e elegante; um rigor informativo que não impede a vibração emocionada em sintonia com o narrado e com as personagens da história que narra.

Um livro que, em conjunto com os outros textos já editados por Horácio Araújo, constitui importante contributo para o estudo da cultura portuguesa e honra, não só o seu autor, como as entidades que promoveram a sua elaboração e publicação.

Maria Lucília Gonçalves Pires

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *A biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), autor do Agiologio Lusitano: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.

O conhecimento da Biblioteca do autor do maior hagiológico nacional é trabalho fundamental para identificar a génese das informações sumamente eruditas que Jorge Cardoso (1609-1669) reuniu nos três volumes do *Agiologio Lusitano* (1652, 1657, 1666), relativos aos meses de Janeiro a Junho.

O “cruzamento dos saberes” que o vastíssimo repertório de dados representa tem uma chave na biblioteca pessoal do autor, base próxima da organização do texto, alargado pela consulta de arquivos e cartórios, além de bibliotecas de amigos. Esta Biblioteca Cardosiana passou por diferentes mãos e ficou elencada no sumariíssimo catálogo feito pelo próprio Jorge Cardoso, cuja cópia se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa (Cód. 350) e que é transcrito nesta obra. Da biblioteca fazia também parte uma colecção de manuscritos, constituída por originais e cópias na posse da Casa de Arronches, nos meados do século XVIII, quando António Caetano de Sousa continuou a publicação do *Agiologio*. Os 89 livros manuscritos na posse de Jorge Cardoso são também objecto de uma proposta de identificação (p. 229-244).

Os impressos listados nesta “biblioteca selecta” correspondem a 1222 entradas. Predomina a língua castelhana (38,9%) e a latina (36,1%).

M. L. Correia Fernandes, ilustre professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, trabalhou com apurado cuidado na difícil identificação das obras, demonstrando perfeito domínio da literatura religiosa dos séculos XVI e XVII. O esmero posto deixou apenas 11% de referências por resolver, apontando edições reais que integrariam a biblioteca de Jorge Cardoso. O interesse cultural desta publicação cresce pelo registo dos “usos” dos livros pessoais no *Agiologio* editado. Na linha de pequeno contributo para identificar mais alguns espécimes aponto como provável para o n.º 108 (p. 51) a obra de CENOT-FLORINI, Ludovico – *Clypeus Lauretanus adversus haereticorum sagittas auctore*. Roma: F. Cavalli, 1643; para o n.º 794 (p. 166) a obra de LENS, Jean de (1541-1593) – *De variis generibus, causis atque exitu persecutionum quas pii hoc in mundo peregrinantes patiuntur*. Lovanii: Andraeas Sassenus; Servatius Sassenus, 1578.

Os vários índices (p. 247-293) completam a edição deste imprescindível guia da cultura portuguesa do século XVII e particularmente constituem um passo determinante no terreno da hagiografia portuguesa.

Carlos A. Moreira Azevedo

COHEN, Thomas M. – *The fire of tongues: António Vieira and the missionary church in Brazil and Portugal*. Stanford: Stanford University Press, 1998. 262 p.

O interesse pela vida e obra do P. António Vieira há muito que ultrapassou as fronteiras do mundo luso-brasileiro para alargar-se, entre outros, a países como a Alemanha, a Espanha, a França, a Holanda e a Itália. Este carácter internacional ficou bem patente, em 1997, no congresso comemorativo do terceiro centenário da morte do P. António Vieira que reuniu, em Lisboa, centena e meia de investigadores provenientes de quinze diferentes países.

Nos Estados Unidos da América, os estudos vieirianos encontram em Thomas M. Cohen um dos principais cultores. Prova-o o volume que quis intitular “O fogo das línguas”, expressão com que caracteriza o modo de agir dos discípulos de Inácio de Loiola e que, de maneira singular, tem aplicação na personalidade exuberante e multifacetada de Vieira. O subtítulo da obra, por seu lado, sublinha o esforço de António Vieira na criação de uma única igreja luso-brasileira, animada pelo empreendimento das missões no Novo Mundo.

Muitos dos problemas que Vieira teve de enfrentar no Brasil já tinham sido equacionados pelo P. Manuel da Nóbrega. Por isso, muito justamente, Cohen lembra a continuidade das duas figuras no que se refere às questões básicas do debate colonial e às estratégias missionárias, sem deixar de mencionar que, no tempo de Vieira, os conflitos com os colonos tinham redobrado de intensidade. Apesar da continuidade em relação a Nóbrega, a visão de Vieira tornou-se mais universal ao alargar a todo o mundo a responsabilidade única de Portugal na instauração do Reino de Cristo. O acento nesta universalidade e numa única vocação missionária caracteriza a análise de Cohen que, apesar de fundamentalmente cronológica, consegue ser bem sucedida na tentativa de unificar as várias facetas da vida e obra de Vieira: o viajante europeu que se torna provincial do Brasil; o estratega do império que aceita, ao mesmo tempo, a responsabilidade de aldeias no mais recôndito do território brasileiro.

Em Vieira, “o fogo das línguas” foi-se manifestando de formas distintas mas os aspectos mais estritamente linguísticos nunca foram esquecidos. No final da vida, como bem recorda Thomas M. Cohen, Vieira ainda sentia a obrigação de defender, junto dos membros mais novos da Companhia de Jesus, a importância do domínio das línguas indígenas. Era um dos instrumentos mais válidos ao serviço da missão que unificara a vida de António Vieira e que Thomas M. Cohen sabe retratar com profundidade e rigor. Os leitores de língua inglesa ficam, por isso, a dispor de uma excelente apresentação de uma das figuras mais simbólicas da cultura portuguesa.

Nuno da Silva Gonçalves